

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
6 e 7 de Junho de 2024
REVISITAR O NOVO CINEMA DE TAIWAN

FU ZI GUAN XI / 1986
“Nós os Dois”

Um filme de Lee You-Ning

Argumento: Wu Nien-Jen / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Lin Hung-Chang / *Cenários:* não identificado / *Figurinos:* não identificado / *Música:* Li Shu-Shuang / *Montagem:* Chiang Huang-Hsiung / *Som:* não identificado / *Interpretação:* Shi Feng (*Chen Y-Chang*), Su Ming-Ming (*Hsu Ming Chu*), Pan Chen-Pu (*Chiang-Chiang*), Hsiao Hou Tao, Lee You-Ning, Liu Hsiu Ling e outros. *Produção:* Central Motion Productions (Taipé) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em português / *Duração:* 93 minutos / *Estreia mundial:* Taipé, Fevereiro de 1987 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

COM A PRESENÇA DO REALIZADOR

Como é indicado no texto de apresentação deste ciclo no programa mensal da Cinemateca, nos filmes do chamado “Novo Cinema” de Taiwan, que cobrem grosso modo o período 1982-87, predomina “*um estilo mais próximo da realidade social, oferecendo um conjunto de visões sobre a vida das pessoas comuns*”, por oposição aos filmes *wuxia*, geralmente situados num passado indefinido e algo mítico, de certo modo análogo aos filmes de artes marciais de Hong-Kong. Mas em meados dos anos 80, período em que surge o vídeo doméstico e as salas de cinema fecham as portas de modo maciço em todo o planeta, já há muito que a função de mostrar “*visões sobre a vida das pessoas comuns*” era exercida pela televisão, com os seus telefilmes, séries e/ou telenovelas. Neste contexto, o cinema propriamente dito (isto é, feito fora da televisão e destinado às ainda sobreviventes salas de cinema), devia, mais do que nunca, para seduzir o espectador, insistir sobre temas que permitissem alguns vãos de *mise-en-scène*, que são por assim dizer impossíveis e, por este motivo, evitados na televisão, em que tudo se articula única e exclusivamente pelo argumento, a “*história*” e nos quais a banalidade dos personagens é idêntica à do espectador, *son semblable, son frère*.

Embora a sombra de **Kramer vs. Kramer** (Robert Benton, 1979), uma das grandes xaropadas da máquina de Hollywood do período, que fez verter muitas lágrimas pelo mundo fora, paire sobre **Fu Zi Guan Xi** (o filme é inclusive citado num dos diálogos), Lee You-Ning e o seu argumentista evitam o sentimentalismo barato e a manipulação assumida do espectador daquele pastelão americano, mas o realizador também evita a sedução visual, qualquer vão não naturalista. O resultado é um filme caracterizado por uma concepção e uma articulação muito próximas da televisão, com o seu argumento demonstrativo ao qual o realizador adere de modo estrito. A música, por exemplo, longe de tentar ampliar a dimensão das cenas, tem, sem dúvida de modo deliberado, alguma semelhança com o discreto fundo musical de um centro comercial (paraíso de muitas *pessoas comuns*, cheios de sala de cinema que jamais passam filmes *de autor*) e o espectador surpreende-se ao reconhecer a melodia do antiquíssimo e clássico tango *Caminito*, embrulhada numa roupagem de música de ambiente.

A deliberada singeleza narrativa de **Fu Zi Guan Xi** não exclui algumas boas ideias, como a eficiente elipse no início do filme: no pré-genérico o casal entrega o seu pedido de divórcio a um funcionário, na primeira sequência posterior ao genérico já está

divorciado. Também não terá sido por acaso que a criança está muito longe de ser *gira*, contrariamente à regra de ouro no cinema americano: nada tem de bonita, mas felizmente para o espectador também nada tem do mono amestrado que reina em Hollywood desde que o cinema existe, numa tradição que vai de Shirley Temple a Macaulay Culkin, passando por Justin Henry no já citado e famigerado **Kramer vs. Kramer**. Outra diferença importante entre o filme taiwanês e o seu “modelo” americano é que aqui o pai que fica com o encargo e a tutela do filho pequeno nada tem de próspero, pelo contrário, conhece sérias dificuldades financeiras, o que faz do seu quotidiano uma luta permanente e uma espécie de descida aos infernos. A decadência profissional do homem é sublinhada e posta em paralelo (a traço não grosso) com o artificial êxito profissional da ex-mulher, contratada pela própria família. Como era inevitável, o casal se reencontra (ao cabo de uma hora de projeção, dois terços do filme) no quarto do filho que está hospitalizado por pneumonia e a partir deste momento a sucessão de derrotas do homem dá lugar a um tom quase idílico. Passa-se da destruição à reconstrução, mas, em vez de infligir ao espectador uma reconciliação completa do casal (quem sabe com a mulher no escritório e o marido em casa), o argumento faz com que a situação do homem volte a recair e o desenlace é uma espécie de ponto de interrogação que desemboca no nada, na dúvida. Um desenlace que se coaduna com a concepção e o tom narrativo do filme.

Antonio Rodrigues